



**JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI (BA):
MODOS DE SER E DE VIVER A ESCOLA**

Zizelda Lima Fernandes¹
Dirce Djanira Pacheco e Zan²

A pesquisa teve como objetivo central compreender as relações que jovens estudantes da escola pública de ensino médio constroem com a escola, considerando: o território de residência e a condição de gênero; as relações estabelecidas com a família e o trabalho e, sobretudo, as sociabilidades por eles praticadas no contexto escolar nas redes interativas.

Com a chamada “expansão da escolarização” amplia-se o acesso das camadas populares à escola pública de ensino médio. Público extremamente diverso, proveniente de processos de socialização distintos em condições econômicas, políticas, territoriais, culturais e sociais, em muitas circunstâncias, desfavoráveis. Por conseguinte, jovens ricos em expressões e manifestações culturais, que carregavam para o interior da escola suas histórias, saberes e experiências sociais vivenciadas em espaços distintos. Entretanto, tais valores e perspectivas não eram os esperados por aquela escola que sempre trabalhou com um público que apresentava um perfil mais definido em relação ao ser aluno e às normas escolares. Para Carrano e Dayrell (2014, p. 127), “as escolas esperam alunos, e o que recebem são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo”.

Em razão das transformações sociais contemporâneas, a escola passa a viver um processo de constante transformação de identidade e diante da heterogeneidade juvenil que avança por seu espaço, ela não consegue se redefinir internamente e compreender aspectos fundamentais da dimensão do ser jovem e do ser aluno nos dias atuais. Para conseguir “permanecer” nessa escola, esses jovens adicionam as suas experiências de vida nesse espaço, chegando a romper com as regularidades e a imprimir as suas marcas nesse contexto. A juventude reinventa a escola como lugar de sociabilidade juvenil (PEREIRA, 2007). Há que se considerar que, no cenário recente, frente às mudanças sociais, os jovens

1 Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. É docente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia. Endereço eletrônico: zizafernandes@yahoo.com.br

2 Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é docente do Departamento de Ensino e Práticas Culturais (DEPRAC) e Diretora da Faculdade de Educação (2016-2020) da mesma Universidade. Endereço eletrônico: dircezan@unicamp.br



vêm se constituindo como sujeitos socioculturais a partir de uma complexa e dinâmica teia de relações.

Aprofundando o estudo, Krawzyck (2011, p. 766) afirma que o projeto de escolarização da escola de ensino médio acontece sob uma “estrutura sistêmica pouco desenvolvida e com uma cultura escolar incipiente para os jovens das parcelas mais pobres da população”. Tudo isso faz com que a escola de ensino médio se encontre fortemente sujeita a questionamentos em torno do seu alcance e sentido.

O Censo da Educação Básica de 2015 registra que de 2014 para 2015 a queda das matrículas no Ensino Médio foi de 2,7%³- queda que ocorre, pelo menos, desde 2010 (BRASIL, 2015). Essa taxa pode até parecer baixa, mas acaba por revelar um maior agravamento da crise do ensino médio no Brasil. Como pode, o Brasil tem mais de 1,6 milhão de jovens de 15 a 17 anos fora da escola?

Considerando esse cenário, a pesquisa se debruçou sobre as seguintes questões: de que maneira os jovens estudantes do ensino médio constroem relações no atual contexto escolar? Como esses jovens constituem grupos de sociabilidade nesse espaço? Qual a percepção que esses jovens têm sobre a escola de ensino médio e sobre si mesmos como alunos dessa escola? Existe algum fator que impacta numa relação mais positiva ou mais negativa com a escola?

Com vistas a uma melhor abordagem do tema, procurou-se desenvolver um estudo fundamentado nos preceitos de uma metodologia qualitativa. Para tal, utilizou-se de fontes documentais (pesquisa bibliográfica e declaratória, ata de resultados finais, projeto político-pedagógico e os textos de políticas educacionais) e fontes não documentais (observações diretas no campo, que constaram de: diário de campo, conversas com professores e gestores, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas). Os dados foram analisados à luz de um referencial teórico e se inseriram no conjunto de estudos realizados por pesquisadores e estudiosos das ciências humanas e sociais acerca da juventude e da escola de ensino médio no Brasil, a exemplo de Dayrell, Sposito, Setton, Corti e Krawzyck, entre outros. Importa ressaltar que o campo investigativo se constituiu de cinco escolas públicas da rede estadual de ensino médio do município de Guanambi (BA) e teve como principais interlocutores jovens alunos do primeiro ano do ensino médio.

A partir dos dados construídos verificamos que os jovens estudantes do ensino médio, participantes da pesquisa, se achavam representados por um coletivo maior, constituído por jovens que moravam na zona urbana – que se distribuía em 32% de mulheres e 40% de homens – e por um coletivo menor formado por jovens moradores da

3 A queda das matrículas no ensino médio ocorre, pelo menos, desde 2010.



zona rural – correspondendo a 20% de mulheres e 8% de homens.

No grupo dos jovens urbanos, pudemos observar que grande parte, 77,8% autodeclararam de cor preta ou parda, enquanto que 22,2% autodeclararam de cor branca. Observa-se um elevado índice de pardos e negros entre os jovens entrevistados. Os dados revelaram que a população negra se achava, de modo geral, num quadro de maior carência, dando, portanto, continuidade a uma cadeia de pobreza que se acha atrelada à história brasileira desde os seus primórdios. Em continuidade, podemos dizer que 66,7% dos jovens urbanos tinham entre 15 e 16 anos, 5,6% tinham 17 anos e 27,8% tinham 18 e 19 anos. Estes últimos se encontravam na fila do grupo da defasagem escolar. Observamos também, que bem mais da metade, 72,2% - 38,9% homens e 33,3% mulheres – trabalhavam ou procuravam trabalho. Aqueles que trabalhavam, exerciam, em sua maioria, atividades com pouca qualificação.

No grupo dos jovens rurais, pudemos observar que 42,8% se autodeclararam de cor preta ou parda e 57,2% se autodeclararam de cor branca. Ao que nos cabe dizer que temos mais jovens brancos na zona rural do que negros. Os dados nos levaram a inferir que parte significativa dos jovens entrevistados - moradores da zona rural - eram filhos de pequenos sítiantes, de herdeiros da terra (71,4%). Cabe dizer, porém, que os 28,6% dos jovens rurais – negros - eram economicamente muito carentes. Os dados nos levam a ressaltar que não é porque moravam na zona rural que os jovens eram mais pobres. Encontramos maior número de jovens das camadas populares na zona urbana.

Os dados confirmam ainda, que 56% dos jovens urbanos e 42,8% dos jovens rurais tinham uma origem social de pouco letramento. Destacamos que, apenas 5,5% dos pais dos jovens urbanos tinham curso superior para 7% dos pais dos jovens rurais. Em síntese, os dados construídos nos possibilitaram levantar algumas afirmações e questionamento: A escola de ensino médio tinha cor, tinha trabalho, tinha filhos de pais com baixa escolaridade que, em sua maioria, exerciam trabalhos manuais, por conseguinte com baixa remuneração; os jovens negros e pardos em suas condições concretas de existência eram mais carentes economicamente (tinham menos recursos), pais com formação escolar um tanto limitada e que realizavam atividades trabalhistas (quando não se encontram desempregados) de baixa remuneração; percentual relevante dos jovens de cor branca que tinha pais com fundamental completo, ensino médio completo, superior completo e incompleto eram jovens cujos pais tinham uma tradição escolar; parte expressiva dos jovens de cor preta apresentava defasagem escolar; os jovens da zona rural tinham uma organização familiar que se aproximava, em muito, do modelo de família nuclear; as famílias urbanas revelaram que sofreram maiores impactos com as mudanças sociais



apresentando uma organização familiar mais eclética e mostrando que, na maioria dos casos, a mãe (esteio da família) arcava com a responsabilidade maior nas despesas da casa e educação dos filhos; os jovens homens e as jovens mulheres realizavam algum tipo de trabalho ou afirmaram que estavam procurando emprego, salvo exceções; em anos de estudo, as mães dos jovens, em sua totalidade, apresentavam maior escolaridade do que os pais desses jovens.

Podemos dizer que a família, a escola, o trabalho, a religião, os meios de comunicação de massa, entre outros, constituíam vigorosas mediações nos processos de socialização juvenil. Essa constatação nos leva a afirmar que a chamada socialização juvenil - em se tratando da socialização dos jovens estudantes da escola de ensino médio - incidia em diversos espaços e tempo e afetava os patamares em que se dava a sua vida escolar (DAYRELL, 2007). No contexto das relações no interior da escola, a sociabilidade ia se fazendo de forma livre, sem hora marcada.

Um dos pontos centrais que insurge nessa análise é a importância da convivência dos jovens alunos com os seus pares, ou seja, a prioridade que davam às redes interativas que estabeleciam no contexto escolar; independentemente do fato de serem mulheres ou homens ou, ainda, de serem da zona rural ou da zona urbana. Assim, em suas relações, ganhavam destaque o “domínio do festivo”, o domínio do lúdico, do criativo e do estético, o “jogar conversa fora”. De tal modo, por este caminho, as relações se desenvolviam no seio das interações com marcas de reciprocidade e afetação múltipla dos participantes. De modo geral, quando se tratava da relação professor e aluno, os jovens deixavam claro que os professores preferiam “alunos que tiravam boas notas” e “prestavam atenção às aulas”. Esses dados nos permitem afirmar que parte significativa dos professores olhava para os jovens a partir da sua condição de aluno, de forma que os critérios escolares é que prevaleciam. Nesse aspecto, o dialogar com as juventudes que se encontravam imersas no cotidiano da escola, às vezes, era secundarizado ou negligenciado. Uma observação importante é que as relações dos jovens com os seus mestres se faziam não somente por meio dos constantes conflitos, tensões e divergências, mas também pelas interações que estabeleciam a partir das trocas de conhecimentos e, sobretudo quando construía-
mos elos de amizade e confiança.

Destacamos, ainda, que o trabalho era uma instância que também exercia uma forte influência na relação dos jovens com a escola. Daquele jovem rural que acordava de madrugada para tirar leite, corria pra roça e em seguida se dirigia pra escola até aquele jovem urbano que trabalhava numa empresa com serviços pesados e depois ia pra escola. Aqui perguntamos: perguntamos: que horas esses jovens tinham pra estudar?



Nesse percurso, chegamos à conclusão de que o problema da escola não é um problema exclusivo da escola, mas um problema de todos nós. Vimos que a escola de ensino médio com a qual esses jovens almejam, sonham e querem pra eles é uma escola que os reconheçam enquanto sujeitos sociais, que os acolham. Eles querem professores que dêem aulas e que façam a diferença, querem professores de matemática, por exemplo, que saibam matemática, que saibam contextualizar essa matemática e trazê-la para a sua realidade de vida, querem uma matemática viva, assim como suportes tecnológicos. Eles querem uma escola que tenha atividades dentro da sala de aula, fora da sala de aula e atividades que extrapolem os muros da escola, que os possibilitem viajar, conhecer e explorar outros espaços. Eles querem uma escola condizente com a estrutura social contemporânea. Em muito, esses jovens querem falar e serem escutados, enfim querem ser respeitados. Vimos que a escola de ensino médio precisa (re) nascer a partir de um projeto coletivo que valorize a experiência da sociabilidade juvenil em sua dimensão educativa. Nesse contexto, os professores acabam sendo muito mencionados pelos jovens como peça fundamental no processo de diálogo e de confiança.

Palavras-chave: Juventude. Ensino Médio. Sociabilidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Censo Escolar da Educação Básica de 2015**. Brasília, 2015.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**, Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, outubro/2007.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 144, set./dez. 2011.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Aprendendo a ser jovem: A escola como espaço de sociabilidade juvenil. In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007. Recife, **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2007.